A casa das belas adormecidas

Nina Virginia de Araújo Leite

Resenha do livro *A casa das belas adormecidas* (1960), de Yasunari Kawabata.
Tradução de Meiko Shimon.
São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

Trata-se de uma narrativa de Yasunari Kawabata (1899-1972) que põe exemplarmente em cena o sentido primeiro do termo "teoria", implicando um espectador que participa da cena narrada. Poderíamos sustentar que é da posição do terceiro exilado que o narrador escreve? Talvez sim, se considerarmos que se trata de um texto que descreve "com meticulosa concisão, as profundezas da alma feminina e revela o corpo da mulher no seu mais sutil esplendor", na qual o narrador está identificado com a posição do "olhar derradeiro" (*matsugo no me*), como quem pinta as últimas imagens de quem partirá deste mundo. E o que esse olhar revela?

O cenário em que a história se desenvolve é uma casa em que belas jovens completamente adormecidas são oferecidas por uma noite ao desejo de velhos que "já não são homens": morte e sexualidade se enlaçam para compor uma esplêndida exploração erótica e sensorial do corpo feminino. Encontramos a presença da morte e da finitude: de um lado, no corpo impotente e decrépito dos velhos; do outro, no estado entorpecido e anestesiado do corpo das belas jovens, que parecem dormir como mortas, mergulhadas na inconsciência de um sono artificial. Mas o narrador Eguchi, um velho de 67 anos, considera que ainda não entrou nessa fase de declínio e que, "graças à vida licenciosa que levava", não se incluía entre aqueles que vivem a extrema miséria da velhice.

Depreende-se daí o seu lugar singular, de passagem: ainda não, porém muito perto, quase lá. Ainda homem, todavia para uma mulher que não acorda, que não pode registrar o que ele diz e faz, que não saberá nunca o que aconteceu, a não ser em uma memória do corpo jamais revelada, uma vez que uma proibição estabelece que os clientes não devem tentar acordar as jovens.

Em sua primeira noite na casa, Eguchi, tomado por forte emoção, não resiste e tenta acordar a jovem, "impulsionado por

uma ternura pela garota que crescia no fundo do seu ser". Para ele, era inconcebível o fato de ela estar adormecida, não falar, ignorar o seu rosto e a sua voz, isto é, "de não saber nada do homem chamado Eguchi que lhe fazia companhia". O ato de franzir as sobrancelhas basta para que ele se certifique de que ela não está morta e, com isso, se contenha. Enquanto, para os outros velhos, deitar-se ao lado de uma menina que jamais acorda proporciona uma tentação, uma volúpia ou mesmo uma vivência de revigoramento, para Eguchi, em sua primeira experiência nesse lugar estranho, beira o insuportável, e ele deseja violar o mistério da casa, que era, segundo o amigo que lhe indicara o lugar, igual a "dormir com uma imagem de Buda". Não terá mesmo a mulher a mais íntima relação com o Ser Supremo? O que salva Eguchi de cair na tentação de fazer uma brincadeira diabólica e degradante com aquele belo corpo é justamente a beleza do seu sono profundo. Pensa que isso o distingue dos outros homens que freqüentam a casa. Ele ainda é capaz de se comportar como um homem: a barreira do belo ainda o detém na direção de um gozo absoluto. Não que deixe de pensar em estrangulá-la... mas se contém.

Ao longo dos capítulos, vemos repetir-se a visita de Eguchi à casa das belas adormecidas, deitando-se com diferentes mulheres, cada uma delas dotada de uma particularidade: uma sensual e coquete, outra tímida; uma aprendiz, outra experiente; uma de seios fartos, outra miúda; uma com forte odor, outra com cheiro adocicado; cada uma, uma. "A mulher é infinita", pensa Eguchi, e ele sempre repete o mesmo ritual: chegado certo momento, depois de percorrer o corpo da jovem, explorando-o e hesitando entre a mais sutil ternura e a mais forte volúpia de destruí-lo, enquanto recorda e sonha com as mulheres de sua vida (filhas, esposa, amantes e mãe), decide tomar os dois comprimidos de sonífero que a casa gentilmente oferece a seus clientes.

Por que esse expediente era necessário? Na ausência do olhar, da palavra e da escuta da jovem, mergulhada na profundeza obscura de um sono artificial que faz dela um ser híbrido tecido de morte e de vida, uma morta viva, o que acontece com esse homem? Ele pensa se essa situação não é o mesmo que falar tudo, escutar tudo de um velho que já não tem virilidade para fazer companhia a uma mulher. Uma estranha inversão de posição ocorre então: se, em um momento, é a jovem quem se situa como objeto cedido ao gozo do Outro, um brinquedo vivo nas mãos daqueles velhos, agora Eguchi se dá conta de que é ele quem fica falado, olhado, reduzido à condição de puro objeto, revelada por um corpo que não mais deseja.

Em sua última visita à casa, Eguchi se deita com duas jovens e, depois de ter tomado o sonífero, diz a uma delas: "Será a última mulher da minha vida". Espanta-se ao se escutar dizendo isso, e logo pergunta: "Então quem foi a minha primeira mulher?" Lembra-se dela em um relance: "Foi minha mãe. Não podia ser nenhuma outra". Resposta totalmente inesperada e, talvez por isso, dotada de uma certeza perturbadora. Já adormecido, tenta perseguir as imagens de sua mãe e procura "os seios das garotas, pousando as palmas das mãos sobre eles". O velho Eguchi fecha os olhos e se recorda da cena da morte trágica de sua mãe, que, tuberculosa, chama por ele, que a atende e alisa com suavidade seu peito ofegante. Pergunta-se por que essa lembrança nesse momento e o que seriam esses dois seios sob suas mãos. Pensa que, ao ter alisado o peito de sua mãe, naturalmente teria tocado seus seios mirrados. Mas disso não se lembra; trata-se de uma dedução. Retorna apenas a lembrança do tempo em que dormia buscando os seios da jovem mãe.

recebido
20/08/2006

aprovado
02/09/2006